

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

BOLETIM. EXTRACTOS DAS ACTAS DAS SESSÕES.

CARVALHO, A. L.

Ano: 1935 | Número: 45

Como citar este documento:

CARVALHO, A. L., Boletim. Extractos das Actas das Sessões. *Revista de Guimarães*, 45 (1-2) Jan.-Jun. 1935, p. 51-88.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

BOLETIM

EXTRACTOS DAS ACTAS DAS SESSÕES

Sessão de 4 de Janeiro

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Capitão Mário Cardoso, estando presentes os Directores Srs. Dr. Ricardo de Freitas Ribeiro, Alberto Vieira Braga e A. L. de Carvalho, Secretário.

Verificou-se que uma só proposta fôra apresentada para a execução da empreitada respeitante à continuação do edifício da sede social da Sociedade Martins Sarmento, assinada pelo Sr. António Ribeiro, mestre pedreiro desta cidade.

Esta proposta afasta-se, porém, do preço estabelecido no caderno de encargos, que era de 55 esc. por metro cúbico de alicerces. Como o empreiteiro elevasse o preço a 75 esc., a Direcção resolveu avisar directamente mais alguns mestres de obras do Concelho, que poderiam não ter lido os anúncios publicados na imprensa local, e pedir ao Ex.^{mo} Architecto Sr. Marques da Silva o seu parecer sôbre o preço da proposta.

Sessão de 16 de Janeiro

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Capitão Mário Cardoso, estando presentes os Directores Srs. Alberto Costa, Francisco Pereira Mendes, Dr. Ricardo de Freitas Ribeiro, Alberto Vieira Braga e A. L. de Carvalho, Secretário.

Pelo Sr. Presidente foi dito que recebera a resposta do Sr. Marques da Silva sôbre a proposta do

pedreiro António Ribeiro, sendo o ilustre architecto de parecer que a obra seja entregue àquele empreiteiro pelo preço proposto, de 75 esc. o metro cúbico de alicerces. Nestes termos, a Direcção concordou em adjudicar a obra ao pedreiro António Ribeiro, dando plenos poderes ao Sr. Presidente para assinar o contrato notarial da primeira empreitada.

Sessão de 20 de Janeiro

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Capitão Mário Cardoso, estando presentes os Directores Srs. Dr. Augusto Ferreira da Cunha, Francisco Pereira Mendes, Dr. Ricardo de Freitas Ribeiro, Alberto Vieira Braga e A. L. de Carvalho, Secretário.

Depois da leitura de vários expediente, o Sr. Presidente apresentou a seguinte proposta :

Tendo a conservação e restauro dos Monumentos Nacionais desta cidade e concelho merecido do Sr. Director Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Capitão Henrique Gomes da Silva, a mais desvelada atenção ; tendo sido já realizadas pelo Estado, devido à intervenção daquele Director Geral, importantes obras, em vários dos nossos edificios monumentais, históricos padrões de passadas glórias e grandezas, tais como no Castelo de Guimarães e Claustro da Colegiada ; tendo as ruínas arqueológicas da Citânia de Briteiros, cuja guarda e conservação foram confiadas a esta Sociedade pelo seu saudável explorador, merecido do mesmo Sr. Capitão Gomes da Silva iguais cuidados e atenções, em virtude do que, já em três anos económicos successivos, foram dotadas com importantes subsídios para obras, que ali se têm realizado ; tendo igualmente S. Ex.^a influído para que, pela verba do Desemprego, o Estado facultasse à nossa Sociedade uma participação que permitiu a construção da casa destinada ao guarda daquelas notabilissimas ruínas, realização que há muitos anos constituía um veemente desejo dos orientadores desta Sociedade, proponho que o mesmo Director Geral seja proclamado «Sócio Correspondente» da Soc. M. S., e que desta proposta lhe seja dado conhecimento na íntegra.

A proposta foi aprovada por unanimidade.

Sessão de 13 de Fevereiro

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Capitão Mário Cardoso, estando presentes os Directores Srs. Dr. Augusto Fer-

reira da Cunha, Francisco Pereira Mendes, Alberto Vieira Braga e A. L. de Carvalho, Secretário.

O Sr. Presidente dá esclarecimentos sôbre os esforços empregados junto da Direcção dos M. N. respeitantes ao abastecimento e canalização da água para a casa do guarda da Citânia.

Nesta reunião abordou-se a necessidade e urgência que havia em elaborar uma representação a dirigir ao Ex.^{mo} Ministro das Finanças, a fim de se obter a isenção da contribuição de registo pela posse definitiva do edificio do Largo de Martins Sarmiento, legado a esta Sociedade pelo sábio investigador vimaranense.

O Sr. Presidente dá conhecimento de officios trocados entre esta Sociedade e o Secretário da Comissão Organizadora da «Semana Cultural Galega», a realizar na cidade do Pôrto, manifestando a conveniência de atrair em visita a Guimarães, os ilustres intellectuais da Galiza.

Sendo de louvar, pelo seu alto significado, tôdas as tentativas feitas para chamar a Guimarães os distintos homens de sciência do país vizinho, foi deliberado solicitar da Câmara Municipal um subsídio destinado a cobrir parte das despesas a que a visita obrigaria.

Pelo Sr. Jerónimo de Almeida, foi proposto para sócio o Sr. P.^o Augusto José Borges de Sá.

Sessão de 27 de Fevereiro

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Capitão Mário Cardoso, estando presentes os Directores Srs. Alberto Costa, Francisco Pereira Mendes, Dr. Ricardo de Freitas Ribeiro, Alberto Vieira Braga e A. L. de Carvalho, Secretário.

Foi lido um officio do Sr. Presidente da Câmara, apoiando o programa da recepção a fazer aos excursionistas galegos, que, por ocasião da «Semana Cultural Galega», a realizar no Pôrto, visitam esta cidade, e comunicando que a vereação da sua Presidência, concedera um subsídio de 2.500 esc., consoante o apêlo que lhe foi dirigido. Resolvido agradecer.

Usando da palavra o Sr. A. L. de Carvalho, Secretário, leu o relato da solenidade da inauguração

da casa do guarda da Citânia, que teve lugar no dia 24 do corrente, relato que, na íntegra, ficou registado na acta da sessão. E' do teor seguinte:

Pelas 10 horas da manhã chegou à sede da Sociedade o Sr. Capitão de Engenharia Henrique Gomes da Silva, Director Geral dos Monumentos Nacionais, acompanhado do seu Delegado no Norte, Sr. Architecto Baltasar de Castro e do Sr. Engenheiro Alvaro David. Momentos depois, chegava também o Sr. Governador Civil do Distrito, Capitão Lucínio Presa, acompanhado do Sr. Administrador do Concelho de Guimarães, que o fôra esperar às Caldas das Taipas.

Recebidas estas entidades no Salão Nobre, onde já se encontravam vários dos nossos consócios, o Sr. Presidente apresentou-lhes cumprimentos de boas-vindas, acompanhando-as em seguida numa rápida visita à Biblioteca e Museu de Arqueologia. Ao Sr. Director Geral dos Monumentos Nacionais mereceu os melhores elogios a boa ordem de tôdas as dependências que visitou, bem como salientou a importância das colecções do nosso Museu. Observou detidamente as obras iniciadas para a continuação do edificio da nossa sede e prometeu patrocinar, como era justo, o pedido de um subsídio do Estado para as mesmas. Ficou o Sr. Presidente encarregado de obter do Architecto Sr. Marques da Silva, a planta geral, alçados e orçamento da totalidade das obras, a fim de essa documentação ser presente ao Ex.^{mo} Ministro das Obras Públicas.

Terminada a visita da sede, formou-se um cortejo de muitos automóveis que se dirigiu para a Citânia de Briteiros. Chegado ali, todos os presentes se encaminharam para o átrio da casa do guarda e iniciou-se a cerimónia da inauguração, pronunciando o Sr. Presidente as seguintes palavras:

Ex.^{mo} Sr. Director Geral dos Monumentos Nacionais,
Ex.^{mo} Sr. Governador Civil do Distrito de Braga,
Ex.^{mo} Sr. Presidente da Câmara Municipal de Guimarães,
Illustres Consócios:

Não é sem emoção, como representante da Sociedade a que presido, que aqui me encontro para solicitar do Ex.^{mo} Sr. Director

Geral dos Monumentos Nacionais, cuja presença nos distingue e honra, se digne abrir, de par em par, a porta desta casa modesta e sóbria, e a faculte d'ora-avante à habitação do guarda da Citânia de Briteiros. Não é sem emoção que o faço, porque, na sua extrema e tocante simplicidade, este acto representa a satisfação de um grande e nobre desejo, que o glorioso Explorador destas venerandas ruínas tantas vezes manifestou em sua vida e jámais pôde ver realizado: — o de conseguir do Estado um guarda permanente, que lhe defendesse, do vandalismo e da ignorância popular, a integridade da Citânia, cujos segredos milenários constituíram o sonho e o pensamento dominador de tãda a sua intensa vida espiritual.

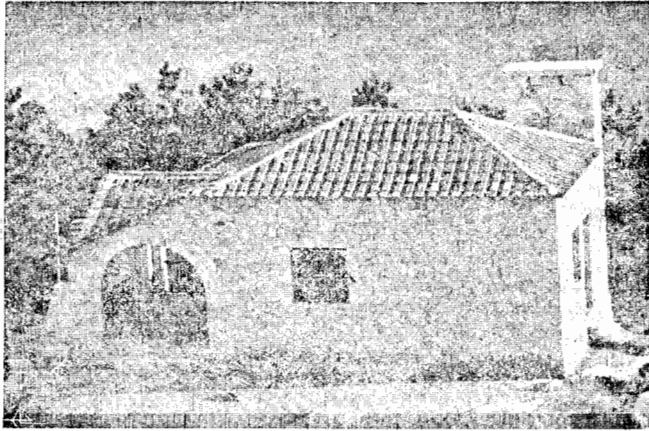
A Sociedade Martins Sarmiento tem por missão sagrada continuar a Obra do glorioso Sábio vimaranense, e defendê-la contra a inconstância do tempo e dos homens. A frente desta Instituição, não nos acusa a consciência de não havermos tentado cumprir religiosamente esse dever, com todo o entusiasmo e dedicação de quem procede e trabalha orientado apenas por uma ideia que paira muito acima dos mesquinhos interesses pessoais. Se a Sociedade Martins Sarmiento mais não tem feito pela continuação e pela exaltação da Obra imperecível do notabilíssimo erudito, que a fama universal há muito consagrou, é porque nem mais, nem melhor, lhe tem sido possível fazer, dentro da sua esfera de acção social, dos seus limitados recursos próprios e do auxílio que lhe facultam os seus associados e amigos.

Justo é pois que, em nome da Direcção da Sociedade que tem a seu cargo as ruínas arqueológicas que celebrizaram Martins Sarmiento, eu agradeça, neste momento, ao Ex.^{mo} Sr. Director Geral dos Monumentos Nacionais o carinho e a desvelada atenção que, nos últimos anos, lhe tem merecido a Citânia de Briteiros, e o muito que nela tem já realizado com o auxílio dos seus activos e proficientes colaboradores, de entre os quais é lícito destacar o ilustre Architecto Sr. Baltazar de Castro, a quem se deve a execução e fiscalização do edificio que aqui vimos hoje inaugurar.

A Citânia de Briteiros, monumento nacional cuja importância é desnecessário encarecer, é propriedade da Câmara Municipal de Guimarães, estando a sua guarda e conservação confiada à Sociedade a que me honro de pertencer. Se a Ex.^{ma} Direcção dos Monumentos Nacionais continuar a dispensar-nos, como até aqui, a sua atenção e valioso auxílio, espero que em breves anos estas ruínas arqueológicas, tão notáveis em Portugal como no estrangeiro, estarão cada vez mais valorizadas, ao mesmo tempo que prestaremos um inapreciável serviço à Sciência, e daremos a todos os visitantes a medida do nosso grau de civilização e cultura, e o exemplo da veneração que nos merecem estes restos sagrados de um Passado glorioso e distante.

Ao apêlo e aos esforços da Sociedade Martins Sarmiento, estou certo que a Direcção dos Monumentos Nacionais continuará dando o seu indispensável apoio, e não só o espero dessa Direcção, mas também do Município Vimaranense, bem como dos nossos consócios, cada qual nos limites e possibilidades da sua actividade, e, de um modo geral, de todos os homens cultos do País.

Agradeço a V. Ex.^a, Sr. Director Geral dos Monumentos Nacionais, a distinta honra da sua presença neste acto, solene ape-



Casa do guarda da Citânia

sar da simplicidade que o reveste. Igualmente agradeço a V. Ex.^{as}, Sr. Governador Civil, e Sr. Presidente da Câmara, bem como às restantes pessoas representativas que aqui se encontram, e aos meus prezados Consócios, a gentileza da sua assistência.

Entrego a V. Ex.^a, Sr. Director, a chave desta casa, para que se digne abri-la e inaugurar-la; e assim, lá dentro, em breve possa arder o fogo na lareira, sinal de habitação, de posse, e de vida renascente e vigilante no seio destas ruínas, que desejamos manter intactas, como um lugar sagrado, de evocações, onde outrora crepitou também o fogo doméstico e palpitou a vida dos nossos remotos ascendentes.

Sublinhadas estas palavras com gerais aplausos, o Sr. Director Geral dos Monumentos Nacionais abriu a porta do edificio, ficando tôdas as pessoas agradavelmente impressionadas com o sóbrio arranjo interior da interessante habitação. No livro dos visitantes foi assinado pelos presentes o Auto da inauguração, lavrado nos seguintes termos:

Aos vinte e quatro dias do mês de Fevereiro de mil novecentos e trinta e cinco, se procedeu à inauguração da casa destinada a habitação permanente do guarda da Citânia de Briteiros.

A referida casa foi construída a expensas do Estado, por intermédio da Direcção Geral dos Monumentos Nacionais e com a participação da Sociedade Martins Sarmento, colectividade

que tem a seu cargo a guarda e conservação destas ruínas arqueológicas, que são Monumento Nacional e propriedade da Câmara Municipal de Guimarães.

Ao acto assistiram os abaixo assinados, Ex.^{mo} Director Geral dos Monumentos Nacionais e Director dos Monumentos Nacionais do Norte, Ex.^{mo} Governador Civil do Distrito de Braga, Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, Administrador do Concelho, Direcção da Sociedade Martins Sarmento, vários sócios, etc.

Citânia de Briteiros, 24-2-1935.

(aa) Capitão Henrique Gomes da Silva, Director Geral dos Monumentos Nacionais — Arquitecto Baltasar de Castro, Director dos Monumentos Nacionais do Norte — Engenheiro Alvaro David, da Direcção dos M. N. do Norte — Dr. João Antunes Guimarães, Deputado — Capitão Lucínio Presa, Governador Civil do Distrito de Braga — Dr. João Rocha dos Santos, Advogado — Capitão Mário Cardoso, Presidente da Soc. M. S. — Dr. Augusto Cunha, Vice-Presidente da Soc. M. S. — Dr. José Francisco dos Santos, Presidente da Câmara Municipal de Guimarães — António Pereira de Lima, Administrador do Concelho — A. L. de Carvalho, Secretário da Direcção da Soc. M. S. — Alberto Vieira Braga, Director da *Revista de Guimarães* — Dr. Ricardo de Freitas Ribeiro, Conservador das Estações Arqueológicas da Citânia e Sabroso — Alberto Costa, 2.º Secretário da Direcção da Soc. M. S. — Francisco Pereira Mendes, Tesoureiro da Soc. M. S. — António de Azevedo, Director da Escola Industrial «Francisco de Holanda» — José de Pina, Professor do Liceu «Martins Sarmento» — José Gilberto Pereira, pela Comissão de Turismo — José Pinto Teixeira de Abreu, Presidente da Associação Comercial — Jerónimo Sampaio, Correspondente do *Comércio do Porto* — Antonino Dias de Castro, Correspondente do *Jornal de Notícias* e Director do *Notícias de Guimarães* — João de Deus Pereira, Correspondente do *Primeiro de Janeiro* — Manuel Araújo, Redactor do *Correio do Minho* — Hugo de Almeida, pelo *Comércio de Guimarães* — Dr. Armando de Faria, Tesoureiro Municipal e sócio da S. M. S. — Francisco Inácio da Cunha Guimarães, Industrial, sócio da S. M. S. — Afonso da Costa Guimarães, Industrial, sócio da S. M. S. — Amadeu Carvalho, Industrial, sócio da S. M. S. — Manuel Pereira Mendes, Industrial, sócio da S. M. S. — António Emílio Ribeiro, Comerciante, sócio da S. M. S. — Alves Machado, Repórter fotográfico.

Percorrida a pequena casa, foi pelo Sr. Presidente oferecida ao Sr. Director Geral dos Monumentos Nacionais, na saleta destinada a escritório e venda de postais e folhêtos de vulgarização da Citânia, uma bela colecção de vinte fotografias das ruínas e Museu da Sociedade, bem como algumas brochuras.

Terminada assim a inauguração da casa, dirigiu-se

o Sr. Presidente, acompanhado do Sr. Director Geral dos M. N., do Sr. Architecto Baltasar de Castro e Engenheiro Alvaro David, para o lado norte das ruínas onde foram estabelecer o plano de obras a realizar na presente campanha, ficando resolvida a reconstituição da tríplice linha de muralhas, cujos restos permitem a sua restauração, sem hesitações nem falseamento da traça primitiva. Pelo Sr. Director Geral foi também autorizada a despesa imediata de 1.000 escudos com o empedramento do pequeno ramal que da estrada conduz até junto da casa do guarda, bem como ordenou ao seu delegado no Norte que elaborasse sem demora o orçamento da despesa a efectuar com a instalação da água no prédio do guarda.

Novamente em marcha, dirigiu-se o cortejo de automóveis para a nossa bela estância da Penha, onde, no Hotel, foi oferecido ao Sr. Director Geral dos M. N., pelos Directores e alguns Sócios da Sociedade um almôço íntimo, de homenagem. Compareceram, além do homenageado, os Srs. Architecto Baltasar de Castro, Engenheiro Alvaro David, Dr. José Francisco dos Santos, António Pereira de Lima, Dr. João Antunes Guimarães, Capitão Mário Cardozo, Dr. Augusto Cunha, António Lopes de Carvalho, Alberto Vieira Braga, Dr. Ricardo Freitas Ribeiro, Francisco Pereira Mendes, Alberto Costa, Jerónimo Sampaio, Antonino Dias de Castro, Hugo de Almeida, João de Deus Pereira, Manuel Araújo, Alves Machado, Dr. Armando Faria, Prof. António de Azevedo, Prof. José Pina, Francisco Inácio da Cunha Guimarães, Afonso da Costa Guimarães, Amadeu Carvalho, Dr. Alfredo Dias Pinheiro, José Gilberto Pereira, Manuel Pereira Mendes, José Pinto Teixeira de Abreu, António Emílio Ribeiro.

Presidiu o Ex.^{mo} Director Geral dos M. N., tendo à sua direita o Architecto Sr. Baltasar de Castro e à sua esquerda o Sr. Presidente da Sociedade Martins Sarmiento. Aos brindes, o Sr. Presidente da Sociedade saudou o Sr. Capitão Gomes da Silva pela sua bela obra de conservação e restauro dos nossos monumentos, felicitando também o Sr. Dr. João Antunes Guimarães, que ao prestígio e engrandecimento da Sociedade tem dado o seu melhor esforço, já quando

Ministro das Obras Públicas, já como simples sócio da Instituição. Depois de largas considerações, escutadas com todo o interêsse por todos os convivas, nas quais se referiu, de um modo genérico, à obra realizada pela Soc. M. S., pôs em foco os objectivos a atingir pela Instituição. Referiu-se também à imperiosa necessidade da colocação de um guarda em Sabroso, e à urgência da ligação destas ruínas com as da Citânia, ligação que apenas está dependente da abertura de um trço de estrada, na pequena extensão de uns 500 metros. Por último, expôs o seu modo de ver sobre as necessidades turísticas e científicas da Citânia, terminando assim o seu discurso, que foi por vezes interrompido com aplausos.

Seguidamente falou o Sr. Dr. João Antunes Guimarães, que disse congratular-se com esta homenagem de gratidão prestada ao ilustre Director Geral dos M. N. e aos seus colaboradores, porque também êle orador se orgulhava de ter tido a rara felicidade, quando Ministro das O. P., de haver nomeado aquele funcionário, inteligente e zeloso que era, e é, o Sr. Capitão Gomes da Silva.

Finalmente o Sr. Director Geral dos M. N. agradeceu, em termos muito sinceros, aquela manifestação de simpatia pela sua obra, homenagem que aliás não devia aceitar na sua qualidade de funcionário do Estado, pois como tal se limitava apenas ao cumprimento honesto e dedicado dos seus deveres. Disse que o Sr. Dr. João Antunes, ao nomeá-lo para aquele cargo de Director dos M. N., lhe dera, com a máxima responsabilidade, a máxima liberdade. E era também agora, dentro dêsse espírito, que êle trabalhava igualmente com os seus subordinados. Essa norma de proceder havia já produzido os melhores frutos, com o restauro de numerosos monumentos que outrora estavam em completa ruína, especialmente no norte do País. A restauração de alguns monumentos tinha despertado por vezes críticas depreciativas, mas isso não importava, porque realmente uma obra incompleta e em via de realização impressiona quasi sempre mal; porém, depois de pronta, a impressão é diversa e tôdas as críticas se desvanecem. Terminou

por agradecer as provas de simpatia que todos lhe haviam dispensado, com uma manifestação tão espontânea e sincera, estimulando assim o seu esforço em defesa dos nossos monumentos.

Pela Direcção da Sociedade foram, terminado o almôço, expedidos telegramas aos Ex.^{mos} Ministros das Obras Públicas e Instrução.

Pelas 16 horas retiraram os ilustres convidados, sendo por todos os directores e sócios da Sociedade acompanhados até S. Romão de Arões, onde S. Ex.^a o Sr. Director Geral dos M. N. foi ainda visitar as obras de restauro do formoso templo românico daquela freguesia, seguindo depois em visita a outras obras em curso no norte do País.

*

O Sr. Presidente da Sociedade representou na cerimónia o Sr. Dr. Mendes Correia, Director da Faculdade de Ciências da Universidade do Pôrto; e o Sr. Architecto Baltasar de Castro representou o Sr. Dr. Vergílio Correia, Professor da Universidade de Coimbra e Director do Museu Machado de Castro.

*

Enviaram saudações muito expressivas e afectuosas vários sócios da Sociedade que não puderam comparecer, entre os quais os Srs. P.^o Eugénio Jalhay, Tenente Afonso do Paço, Luís Cardoso de Menezes, Comandante João de Paiva, etc.

Sessão solene de 9 de Março

Da correspondência de Guimarães para *O Primeiro de Janeiro* de 10 do corrente, transcrevemos:

«Com o brilho dos anos anteriores, realizou-se hoje, no Salão Nobre da Sociedade Martins Sarmiento, a sessão solene comemorativa da distribuição de prémios aos alunos mais distintos das escolas pri-

márias oficiais e de ensino livre, do concelho de Guimarães.

Presidiu o Sr. Dr. José Francisco dos Santos, Presidente da Câmara Municipal, secretariado pelos Srs. Capitão Mário Cardoso, Presidente da S. M. S.; Dr. Aventino de Faria, pelo Liceu de Martins Sarmento; Manuel Boaventura, Inspector-Chefe do Distrito Escolar de Braga; Administrador do Concelho; Comandante da secção da G. N. R.; Dr. Ricardo de Freitas Ribeiro, A. L. de Carvalho, Alberto Braga, e delegado, nesta cidade, do Inspector-Chefe do Distrito Escolar de Braga.»

*

Alocação proferida pelo Ex.^{mo} Sr. Presidente da Sociedade Martins Sarmento:

Ex.^{mo} Sr. Presidente da Câmara Municipal de Guimarães,
Ex.^{mo} Sr. Inspector do Distrito Escolar de Braga,
Ex.^{mos} Professores e Professoras,
Illustres Consócios:

A festa que hoje aqui tem lugar, comemora, como V. Ex.^{as} sabem, o aniversário da fundação desta Casa e o aniversário do nascimento do Sábio Ilustre em honra de quem a benemérita Instituição foi criada. Há 53 anos, portanto, que a festa se vem realizando; e, para que a tradição e seqüência não possa quebrar-se, sempre a Câmara Municipal, nos seus contratos firmados com a Sociedade Martins Sarmento, tem consignado a obrigação expressa de esta Casa a realizar anualmente.

Do programa faz parte a entrega solene de prémios, a alunos e a professores dos mais distintos das escolas primárias do concelho, para estímulo de quem aprende e de quem ensina.

Tem tido a comemoração, desde o seu início, uma feição sóbria e grave, o aspecto de tôdas as festas académicas, levemente perturbado pelo ciciar incontinido, buliçoso e alegre das crianças, obrigadas por demasiado tempo a uma reserva contrária ao seu espirito naturalmente irrequieto.

Os Presidentes da Sociedade Martins Sarmento aproveitam, neste dia, a oportunidade (por outra não lhes ser dada, visto as assembleias gerais destas colectividades ficarem quasi sempre desertas, quando convocadas), para exporem publicamente a actividade social da Instituição e as suas necessidades futuras, as suas realizações e as suas deficiências durante o ano decorrido. Pelo deminuto interesse que, infelizmente, tais exposições despertam, em geral, várias vezes alguns espiritos irónicos têm alcinhado, inofensivamente, é certo, este discurso do Presidente da Sociedade Martins

Sarmiento de — «discurso da Corôa», por êle se tornar monótono, e dizem que inoportuno, numa festa que, não tendo sido exclusivamente criada para as crianças, todavia a ela concorre, em sensível maioria, o elemento infantil.

De forma que, pela fôrça das maiorias, mesmo quando infantis, a sessão solene tem-se modificado lentamente, os longos e enfadonhos discursos vão-se esquivando discretamente nas algibeiras ou na cabeça dos oradores, e hoje, como em dia de certame colegial, a petizada domina aqui, e aqui ergue também a sua voz.

Prudentemente, não me oponho, portanto, à evolução inevitável dos novos tempos e dos novos costumes, e êste ano, pelo menos, pouparei as crianças ao sacrifício de escutarem um discurso declamado segundo as normas e a extensão do velho «discurso da Corôa».

De facto nada interessaria às crianças que, em longa dissertação, eu lhes dissesse que, desde 9 de Março de 1934 até hoje, se deram nesta Casa factos importantísimos para a sua vida, o seu progresso e o seu prestígio — tais como o início da continuação das obras da nossa sede, paradas há 28 anos; como a construção de uma casa na Citânia de Briteiros, para a permanência ali de um guarda, que há perto de 60 anos já Martins Sarmiento reclamava do Estado; como a elaboração de um belo Catálogo dos nossos museus, cuja necessidade há tantos anos se vem impondo.

De facto, nada prenderia a curiosidade infantil que eu falasse da ordem introduzida na administração duma Colectividade, que, pela primeira vez, desde que foi criada, vive escrupulosamente regida por um orçamento de receita e despesa. Na verdade, nada importa aos pequenitos saber da missão social desta Instituição, quer nos domínios do espirito, quer no das aquisições práticas; nada lhe interessam as suas glórias e realizações passadas, presentes e futuras, nem a sua actividade, especialmente nos domínios da instrução pública, nem a protecção efectiva que à Sociedade têm merecido outras instituições e monumentos, legítimo orgulho da nossa terra e que, sem o seu auxilio, não teriam hoje vida própria. Sem dúvida, meus Senhores, que nada disto interessa às crianças, e suponho até que muito pouco interessa à maioria dos adultos, digo-o com sinceridade, mas evidentemente sem o menor intuito de desagrado para quem-quer.

¿O que poderá então interessar à intelligência dos pequenitos que me ouvem? Certamente o que mais lhes interessará é que eu me cale e me sente, já que tive o mau gôsto de me erguer para falar. Pois bem. Vou fazer-vos a vontade, meus meninos, vou terminar, depressa, as minhas palavras, para vos ser distribuido o prémio que vos é devido. Mas antes, permita-me a vossa mal contida indulgência, que eu dirija às entidades aqui presentes, algumas saudações e agradecimentos, que são de uso e de boa educação.

Sr. Presidente da Câmara: Mais uma vez o Município Vimaranesense se dignou honrar esta Casa com a presença do seu ilustre Representante. E'-me grato afirmar neste momento que de V. Ex.^a já pessoalmente, como nosso Consócio, já no desempenho dos seus altos cargos, a Sociedade Martins Sarmiento tem obtido sempre a melhor simpatia. Nem outra attitude seria de esperar do esclarecido e nobre espirito de um homem e de um Professor do mérito

de V. Ex.^a. Mas, além da simpatia, os mais elevados sentimentos de justiça lhe tem merecido a actividade da Direcção desta Casa, que sempre em V. Ex.^a tem encontrado um franco, leal e decidido apoio, em tôdas as emergências. Agradeço-lhe, pois, muito sinceramente, Sr. Presidente, o auxilio que tem prestado e continuará a prestar a esta Colectividade de Utilidade Pública, para seu maior progresso e prestígio, e para maior honra do nome glorioso de Martins Sarmiento.

Ex.^{mos} Professores e Professoras : Para V. Ex.^{as} igualmente os agradecimentos da Sociedade pelo carinho, interesse e entusiasmo com que acompanham a esta Casa os mais distintos alunos das suas escolas. Missão sagrada, alta e nobilíssima, aquela a que vos devotais, de abrir a luz do espirito e contribuir com o primeiro e mais decisivo esforço para a criação dos perfeitos cidadãos de amanhã, daqueles que um dia hão-de tomar a consciência, plena e exacta, dos seus deveres para com Deus, para com a Pátria, para com a Família e para com os homens. Felicito V. Ex.^{as} pela satisfação íntima de que todos devem estar possuídos, por verem coroado do maior êxito tão paciente como persistente trabalho. Os alunos que os Srs. Professores aqui trazem hoje, pela sua mão, constituem a prova mais clara dessa infatigável campanha de amor, de carinho e devoção pela causa mais nobre e mais simpática que pode apresentar-se ao esforço humano — a de amparar o alvorecer da inteligência, como aquele jardineiro apaixonado que, entre mil cuidados e canseiras, todos os dias vigia e trata das suas plantas, e contempla alvoraçado o tímido desabrochar das pétatas virginais das flores mais delicadas e raras.

Srs. Professores : O sentimento nacionalista que hoje domina os povos civilizados, tem na mocidade de todos os países a sua maior força. A mocidade organizada, orientada, disciplinada inteiramente à ideia-máter do amor Pátrio e das grandes virtudes cívicas, há-de revolucionar o mundo e construir em novas bases o Direito de amanhã. E' preciso que, à semelhança da Alemanha, da Itália e de tantos países, Portugal organize, também, decididamente, a sua mocidade, e lhe incuta, desde a primeira escola, essa mística ardente e generosa, que está constituindo a principal defesa da soberania e da integridade das nações, não já uma defesa sanguinária pelas armas, mas pela força incomparavelmente superior, que é a força moral, a força das consciências fraternamente unidas pelo mesmo pensamento, pelo mesmo ideal e pela mesma vontade. Na vossa mão, Srs. Professores primários, está a faculdade do primeiro impulso a dar à obra patriótica, indispensável e urgente, da organização cívica da mocidade portuguesa.

Meus meninos : Finalmente para vós, já tão cansados de me ouvirdes, apenas duas palavras de exortação. Tende dedicação pelo estudo, porque êle vos poderá conduzir às mais altas situações sociais ; respeitai e sede gratos aos vossos mestres, porque êles estão incumbidos de vos preparar para a luta pela vida ; amai os vossos pais, porque êles sofrem e sacrificam-se por vós ; e amai, acima de tudo, a vossa Pátria, êste Portugal que hoje ressurge da sua decadência, pelo esforço da sua própria vontade e das suas energias latentes, esta nossa terra que é grande e não morrerá jamais, porque a tornam imperecível a força e a vida das suas tradições, das suas crenças, da sua língua e da sua História.

*

Alocução proferida pelo Ex.^{mo} Sr. Presidente da
Câmara Municipal:

Ex.^{mo} Sr. Presidente da Sociedade Martins Sarmiento,
Ex.^{mas} Senhoras e meus Senhores :

E' possível que alguém ache descabido e até irreverente o bulfício infantil dêste dia nesta majestosa sala onde tem ressoado a voz de alguns dos nossos melhores valores intellectuais e repute uma festa de crianças menos condigna comemoração do aniversário desta Benemérita Sociedade que ocupa um lugar tão honroso entre as instituições de cultura portuguesa e tem tão magníficas tradições.

Por mim confesso que a acho extremamente simpática e altamente significativa e só tenho que louvar a Sociedade Martins Sarmiento e a Câmara por haverem incluído nos seus contratos a obrigação de a realizar. Tenho, portanto, o maior prazer em assistir a êste acto e sinto-me muito honrado em presidir a êle na qualidade de representante do Município Vimaranesense.

Esta honra, cumpre-me agradecê-la muito reconhecidamente a V. Ex.^a, Sr. Presidente da Sociedade Martins Sarmiento, bem como as palavras excessivamente amáveis e imerecidas que V. Ex.^a me dirigiu. Tenho de facto uma profunda simpatia por esta Instituição; admiro e aprecio a acção silenciosa e quasi invisível mas bem real e altamente benéfica que ela tem exercido e continua a exercer no nosso meio; reconheço quanto ela honra e prestigia e ennobrece a nossa terra; considero-a até a sua maior glória no presente; mas, sem sombra de modéstia o afirmo, não me é devido por isso o mínimo agradecimento, pela mesma razão por que se não agradece a um espelho que reflita as pessoas e as coisas que se encontrem no seu campo; as benemerências desta Instituição irradiam tanta luz que só uma absoluta cegueira intellectual explicaria a indiferença perante elas ou o seu desconhecimento.

Todos os vimaranenses sentem um carinho muito especial por esta Casa; todos lhe reservam um cantinho no coração e todos se orgulham da Sociedade Martins Sarmiento, que consideram sua, porque compreendem intuitivamente o seu alto papel e sabem que dela não podem advir senão benefícios para a sua Terra.

Já se afirmou que foi o mestre-escola alemão o vencedor da guerra franco-prussiana de 1870; a vitória da guerra russo-japonesa é igualmente attribuída ao mestre-escola japonês. Donde se vê claramente qual a influência que exerce na própria vida dos povos a educação ministrada nas escolas das primeiras letras e quão grande a responsabilidade daqueles a quem está confiada.

Nesta hora magnífica de renascimento em que Portugal rejuvenescido parece preparar-se para grandes coisas, talvez para empunhar como noutras eras o facho luminoso do progresso e ensinar às nações o caminho do bem e da felicidade, cabe à escola primária um papel que pode dizer-se decisivo. Confiado

em que a classe de que V. Ex.^{as} fazem parte estará à altura da sua missão, apresento a V. Ex.^{as} as minhas sinceras homenagens.

Também a vós, meus queridos meninos e meninas, quero dirigir algumas palavras. Dou-vos parabéns muito sinceros pelos prémios que ides receber, mas dou-vos-os principalmente por os haverdes merecido. Foi pela vossa aplicação ao estudo e pelo vosso aproveitamento que os conquistastes; por isso mesmo vos felicito e felicito-vos ainda pela alegria e satisfação que assim causastes a tantas pessoas que vos querem e vos estimam. Eu creio que não há felicidade igual à que sentimos quando contribuimos para a felicidade dos outros. Sendo assim, vós hoje sois realmente dignos de felicitações, porque deveis sentir-vos imensamente felizes.

Por vossa causa são felizes vossos pais que não cabem em si de contentes, ao verem que correspondeis aos seus desejos; são felizes vossos parentes e os vossos amigos que se sentem orgulhosos com os vossos triunfos, e acima de todos, os vossos mestres que se acham bem recompensados com o vosso aproveitamento dos trabalhos que tiveram para vos ensinar, e até as pessoas que vos são estranhas e assistem a esta festa, partilham da vossa felicidade; sentem-se felizes por vos verem felizes. Muitos parabéns, pois. Continuai a ser aplicados e estudiosos e quasi vos posso garantir que triunfareis na vida. Lembrai-vos que aquele grande português de quem hoje mais se fala em Portugal e no estrangeiro, o Sr. Dr. Oliveira Salazar, é de origem assaz modesta e de que foi só pela sua aplicação, pelo seu estudo, pelo seu trabalho que se tornou digno do alto lugar que hoje ocupa. Segui o seu exemplo, que amanhã a qualquer de vós poderá acontecer outro tanto.

Não pode a Câmara Municipal de Guimarães deixar de reflectir os sentimentos dos seus munícipes. E' pois muito natural que dê a esta Sociedade o seu aplauso e lhe preste a sua assistência e o seu concurso. Em nome da Câmara Municipal, desejo agradecer a V. Ex.^a, Sr. Presidente da Sociedade Martins Sarmento, o ter aqui significado que a sua actual Comissão Administrativa está, neste capítulo, a cumprir o seu dever. E muito gostosamente o cumpre, Sr. Presidente, sabendo como sabe que a Direcção desta casa está também a cumprir admiravelmente e exemplarmente o seu. Ninguém pode ignorar a actividade intensa e produtiva que aqui se tem desenvolvido nos últimos anos, transformando em realidades aspirações de longa data e adaptando ao compasso da vida moderna esta prestigiosa Instituição. Temos de reconhecer que se trabalha diligentemente, com método, com critério e com inteligência, e que todos os esforços, superiormente dirigidos, convergem harmonicamente para a realização dos altos fins que esta colectividade tem em vista.

Referiu-se V. Ex.^a, Sr. Presidente, em rápida resenha, a algumas das realizações levadas a cabo desde há um ano a esta parte. Palavras breves, sucintas, que por pouco davam a impressão de que as obras referidas, como que envergonhadas, pretendiam esquivar-se à atenção pública. Mas não se esquivam, Sr. Presidente.

Os vimaranenses conhecem-nas e não podem deixar de tributar a V. Ex.^a e a tóda a Direcção desta Sociedade, a que V. Ex.^a com superior critério, aprumo e distinção preside, o mais caloroso aplauso.

A obra que V. Ex.^a, com os seus ilustres colaboradores, tem realizado nesta casa, leva-me, Sr. Presidente, ao mesmo tempo que lhe apresento as mais calorosas felicitações, a formular os votos mais sinceros por que V. Ex.^a continue a presidir aos seus destinos ainda por largos anos.

A Vossas Excelências, Senhoras Professoras e Senhores Professores, desejo apresentar as minhas saudações e manifestar-lhes a minha admiração e apreço pela sublime missão que V. Ex.^{as} desempenham e pela dedicação e zêlo com que a ela se votam. Lutando com dificuldades e deficiências de tôda a ordem, escassamente reprimidos, trabalhando em escolas mal instaladas, onde em regra quasi tudo falta para se poder fazer um ensino proficuo e moderno, V. Ex.^{as} porfiam, sem desfalecimentos, inteiramente entregues à sua missão, em cumprir para com a sociedade o nobre dever de lhe educar os homens de amanhã.

*

Discurso pronunciado pelo Ex.^{mo} Sr. Manuel Boaventura, Inspector-chefe do Distrito Escolar de Braga:

Senhor Presidente,
Ilustres Homens-Bons desta prestimosa Academia,
Minhas Senhoras e meus Senhores:

As minhas primeiras palavras são a prevenir de que não poderão esperar de mim um discurso, porque as centelhas do génio da eloquência não iluminaram, nem sequer com pequena res-tia, o meu obscuro intellecto.

Conversarei, antes, com V. Ex.^{as} e prometo ser breve. A concisão é uma virtude e apanágio dêste século de velocidades.

O nome de V. Ex.^a, Senhor Presidente, é desde há muito assaz conhecido de naturais e estranhos — mercê de reconhecidas virtudes literárias com que veste seus pensamentos e do vasto cabedal de conhecimentos científicos que V. Ex.^a vem manifestando na interpretação e solução de transcendentos problemas da Arqueologia portuguesa — em boa hora nascida sôbre a égide do insigne Patrono desta Casa prestigiosa.

Habituei-me a admirar o nome de V. Ex.^a desde que um dia o Sábio ethnólogo e meu querido amigo Dr. Leite de Vasconcelos mo indicou como o de um valor marcante. Há anos, pois, que venho assistindo à ascensão de V. Ex.^a, e tenho tido ocasiões de o ler e apreciar, como estudioso que trabalha com honestidade na difícil sciência de interpretar um nebuloso passado milenário.

De entre os presentes preciso destacar ainda o ilustre escritor Sr. A. L. de Carvalho. Somos velhos amigos e camaradas nas letras. Posso alguns dos seus livros. Revela-se um experiente puericultor na sua encantadora obra «De Meu Filho». Como estilista e homem de teatro, em outros de seus trabalhos, vincou uma posição.

A outro dos animadores e propulsores desta simpática Casa — o Sr. Vieira Braga — quero manifestar também a minha admiração. Conheço tôda a sua obra no campo ethnográfico, vocabular

e histórico. O Sr. Vieira Braga, é verdadeiramente um ornamento na República das letras minhotas.

Muitos outros ilustres académicos desta Casa não os conheço pessoalmente, mas de alguns conheço a obra. A todos V. Ex.^{as} as minhas saudações.

Convida-me V. Ex.^a, Sr. Presidente, a usar aqui da palavra. Evidentemente o convite é feito ao cargo e não à pessoa, que nada é e nada vale. Aqui estou a marcar a minha presença.

A benemérita Sociedade Martins Sarmiento instituiu prémios para os alunos mais distintos dos estabelecimentos de ensino da vetusta cidade, célula-mãe da grei, que conserva ainda indeléveis vestígios da sua ancianidade. Prendem-me a êste burgo hospitaleiro agradáveis e saúdosas recordações da mocidade. E' que ali, no Liceu que tem por patrono o grande Martins Sarmiento, inciei os meus estudos preparatórios para me couraçar na luta pela vida. Há que tempos isso vai já!... Como recordar é viver!...

Premiar é sempre uma consolação — uma dupla consolação : para quem premeia e para o contemplado. Digam embora grandes pedagogistas que o prémio da virtude é a própria tranquilidade e contentamento da consciência, outros manifestam opinião contrária. Sou por estes.

Premiar é estimular. Estimular é instigar a maiores empreendimentos. A inteligência recompensada procura com denodo atingir maior perfeição, tanto no campo científico como no moral e social.

Isto foi bem compreendido pelo benemérito Instituidor dos prémios que esta egrégia academia anualmente distribui pelos estudantes que mais aproveitamento denotaram. Só as inteligências superiores são capazes de conceber coisas belas e engrandecedoras do espírito.

Premiar é praticar justiça. Bem hajam.

Por isso eu concordo plenamente com o prémio, como recompensa do mérito, porque a prática me tem mostrado seus frutos.

E' meu dever agradecer a V. Ex.^{as} a prova de consideração com que me distinguiram e em nome dos pequenos estudantes de instrução primária cujas aptidões para o trabalho e para o estudo V. Ex.^{as} acabam de estimular por forma tão generosa. Finalmente em nome de seus professores e da Direcção Geral do Ensino Primário, aqui deponho o meu reconhecimento.

*

Alunos premiados em 9 de Março de 1935.

Com livros :

Escola de Airão, Maria da Adoração de Castro Monteiro e Porfirio Martins Fernandes; *Azurém*, Teresa Lúcia da Veiga Ferreira Pedras e Lourenço Teixeira Alves Pinto; *Balasar*, Luísa da Costa Marques e José Luís Gonçalves; *Barco*, Maria de Sousa Cunha e António Ribeiro; *Briteiros (Santo Estêvão)*, Maria da Silva e José de Araújo; *Briteiros (Santa Leocádia)*, Custódia Ribeiro e Vasco de Oliveira; *Briteiros (S. Salvador)*, Carminda

de Jesus Ferreira Marques e Constantino Vieira Marques Lôbo; *Caldas (S. João)*, Valentina Tôres Pinto de Castro, Luís Alberto Pinto de Sousa e Castro e Joaquim Ribeiro Ferreira; *Caldas (S. Miguel)*, Maria Emília Couto Araújo e Manuel de Azevedo Graça; *Caldelas*, Maria do Carmo de Araújo, Aurélio Pereira Martins de Sousa e Delfim Magalhães da Silva Lopes; *Candoso*, Maria Fernanda Marques Abreu e José Joaquim Ribeiro de Abreu; *Conde*, Maria da Conceição Alves e Armando Moreira Gômes; *Corvite*, Maria Nair da Conceição Ferraz e Domingos Lopes; *Costa*, Maria de Jesus Rocha e Eduardo Gonçalves; *Creixomil*, Delfina da Silva e Manuel Pereira de Lima; *Donim*, Maria Gômes e Francisco Gômes de Castro; *Fermentões*, António da Silva Freitas e Luís Maria Teixeira Bastos; *Gonça*, Margarida Ferreira da Silva e Joaquim de Jesus-Duarte; *Gondomar*, Maria de Oliveira e José Lopes; *Guardízela*, Maria Elisa Machado e José Pereira; *Infantas*, Emília Leite e Albano Vieira Mendes de Castro; *Infiás*, Maria de Lourdes Neto e Fernando António Dantas Gonçalves; *Leitões*, Maria Correia de Faria e Rui Cândido Ferreira Ribeiro; *Longos*, Maria Madalena Ferreira Gômes e Manuel de Oliveira Mendes Júnior; *Lordelo*, Maria Amélia de Freitas Lima e Bernardino Fernandes Valente; *Mesão-Frio*, Joaquina Carvalho e Domingos Nogueira; *Moreira de Cónegos*, Alice de Freitas Miranda e Manuel de Castro; *Nespereira*, Éva Teixeira Leitão e António de Abreu; *Polvoreira*, Manuel de Abreu; *Ponte (S. João)*, Bernardo de Freitas; *Campelos*, Maria Edite Castelar Guimarães e José Pinheiro; *Ronfe*, Aurora da Silva Marques e José Ferreira Guimarães; *Sande (S. Clemente)*, Alzira do Sameiro de Freitas e Manuel de Oliveira; *Sande (S. Lourenço)*, Maria do Céu da Silva e Luís da Costa; *Sande (S. Martinho)*, Alice da Silva Martinho e Alberto da Silva; *S. Torcato*, Valeriano Ribeiro Lopes e Aida de Oliveira; *Selho (S. Jorge)*, Adelaide Manuela de Castro, Francisco Salgado Ribeiro e José de Lemos; *Selho (S. Lourenço)*, Rosa de Jesus Fernandes e António Pereira; *Serzedo*, Maria de Jesus Pereira e António José Carneiro de Quadros Flores; *Silvaes*, Teresa de Castro Mendes e Joaquim Duarte; *Urgeses*, Ana Nogueira da Costa; *Vizela (S. Faustino)*, Joaquim Leite da Silva; *Vizela (S. Paio)*, Lúcia Alves Fernandes e Manuel Pinto; *Escolas Centrais*, Valdemira de Lourdes Ribeiro, Maria de Oliveira Rodrigues, Maria Eduarda de Castro Oliveira Bastos, Maria Celina Dias de Castro Fernandes, Maria Fernanda Ribeiro Marques de Freitas, Maria José de Figueiredo da Silva Campos, Rosa Estela Raposo Meireles, Vasco de Freitas Oliveira Bastos, António José Fernandes, Mário Augusto Monteiro Dias de Castro, Manuel Ferreira das Neves, José Emílio da Luz Ribeiro Vieira de Andrade e José de Lemos Sampaio; *Esc. do Sagrado Coração de Jesus*, Felicidade Ribeiro Guimarães, Maria do Carmo da Cunha e Castro, João Luís Pereira Brites e Jerónimo Rodrigues de Oliveira; *Esc. de S. Francisco*, Beatriz de Almeida, Maria José Leite da Silva, João Paulo de Oliveira Mateiro e Augusto Maria Peixoto Bourbonn Cunha e Castro; *Colégio de N.ª S.ª da Conceição*, Luísa da Cunha e Sá e Maria Helena Leite Sampaio de Moraes; *Col. de N.ª S.ª de Lourdes*, Ascensão da Silva Martins; *Col. do Sagrado Coração de Maria*, Maria da Silva e Maria Helena Dias Abreu; *Internato Municipal*, João Manuel Loureiro Moreira; *Officinas de S. José*,

José de Freitas Lameiras e Filinto da Silva Milhão. *Postos de Ensino*: João dos Santos, da esc. de Pencilo; José Lopes Faria, da esc. de Tãgilde; Domingos Fonseca Guimarães, da esc. de Calvos; Adelino da Silva, da esc. de Gandarela; Maria dos Anjos Marques da Silva Pereira Estêves, da esc. de Pinheiro; José Martins, da esc. de Taboadelo; Modesto Gomes da Costa, da esc. de Gémeos; Albino de Almeida, da esc. de S. Cristóvão de Selho; Francisco Mendes, da esc. de Mascotelos; Luís Lopes, da esc. de Pinheiro. *Cursos Nocturnos*: Joaquim Ribeiro, da esc. de Brito; Joaquim da Silva, da esc. de Caldela; Francisco Cardoso, da esc. de S. Torcato; Joaquim Francisco de Faria, da esc. de Gandarela; Artur da Silva, da esc. do Coração de Jesus; António Alves, da esc. de Polvoreira.

Prémios pecuniários:

«Prémio Dr. Avelino Guimarães», distribuído à aluna Conceição de Freitas, da escola de S. Lourenço de Selho; «Prémio Francisco Jácome», à aluna Joana da Silva Ribeiro, da esc. da Costa; «Prémio João de Melo», ao aluno Firmino de Magalhães Andrade Bastos, da Escola Comercial e Industrial Francisco de Holanda; «Prémio D. Eulália Melo», à aluna Maria Antónia Mendes Machado, da esc. do Asilo de Santa Estefânia; «Prémio Maria Emília», ao aluno Ernesto de Almeida, da esc. de Candoso; «Prémio Francisco Fernandes Guimarães», aos alunos Abel Augusto de Faria e Manuel Machado, da esc. de Urgeses; «Prémio Francisco dos Santos Guimarães», aos alunos José de Oliveira e Maria Baptista Machado, da esc. de Urgeses; «Prémio Simão da Costa Guimarães», conferido ao prof. Sr. Manuel Ribeiro, da escola masculina de Polvoreira.

Prémios extraordinários:

«Prémio Joaquim Pereira Mendes», aos alunos Maria de Jesus Mendes e Francisco da Mota, da esc. de Brito; «Prémio José Teixeira de Abreu», ao aluno Horácio Faria Barreiros, da esc. de S. Francisco; «Prémio Dr. António Sardinha», ao aluno David de Oliveira Alves, da 5.^a classe do Liceu de Martins Sarmento; «Prémio Gaspar Lopes Martins», aos alunos Rosa Martins e Manuel da Silva Martins, da esc. de Mesão-Frio; «Prémio D. Carlota Maria dos Santos», aos alunos Manuel da Silva Monteiro e Armindo Augusto Pereira, da esc. de Urgeses; «Prémio Venâncio», a Joaquim da Silva — aluno carpinteiro das Oficinas de S. José, Luís José da Silva Costa — aluno tipógrafo das Of. de S. José e António Ribeiro Martinó — aluno da aula de música das Of. de S. José.

Sessão de posse de 1 de Abril

Estavam presentes a esta sessão os Srs. Capitão Mário Cardoso, Dr. Augusto Cunha, Alberto da Costa Guimarães, Francisco Pereira Mendes, Dr. Ricardo de

Freitas Ribeiro, Alberto Vieira Braga e A. L. de Carvalho.

Tomando a Presidência o mais velho dos presentes, Sr. A. L. de Carvalho, foi pelo mesmo proposto que, de harmonia com o art.º 8.º dos Estatutos, se procedesse à distribuição dos respectivos lugares; mas uma vez que a Assembleia Geral entendeu dever reconduzir a Direcção, era seu parecer que todos deviam continuar a exercer as mesmas funções. Esta proposta foi aprovada por unanimidade.

Tomando em seguida o Sr. Capitão Mário Cardoso o lugar da Presidência, leu as seguintes palavras:

Vamos entrar no 4.º ano da gerência desta Colectividade, pois, infelizmente, se encontraram desertas as assembleias gerais de 8 e 15 de Março findo, que os nossos Estatutos marcam para a eleição anual da nova Direcção. Este desinteresse por parte dos nossos associados não é de estranhar, pois o mesmo acontece em tôdas as agremiações onde se trabalha por mera devoção espiritual. Os difíceis tempos de hoje, de luta incessante pela vida e de concorrência no campo dos interesses individuais e económicos, mal permitem canseiras e occupações sem remuneração material, como as que dentro desta Casa temos a nosso cargo, trabalho de simples abnegação, que se efectua somente pela satisfação íntima e a consciência do cumprimento de um dever social. Canseiras e responsabilidades, não são poucas nem pequenas as que a Direcção desta Instituição assumiu. Mas, sem com isto querer exaltar o nosso esforço próprio, que é dado voluntariamente, a falta de concorrência às assembleias gerais para a eleição dos corpos gerentes desta Sociedade, também pode e deve significar um pouco da confiança que em nós depositam os nossos consócios, pois bem honradamente a merecemos, pelo trabalho que nos três anos de gerência aqui temos praticado e desenvolvido, sem descanso nem desânimo.

Continuemos pois, por mais um ano, a dar a esta Colectividade, de boa vontade e coração alto, um pouco do nosso amparo, mesmo com algum prejuízo dos próprios interesses pessoais, visto que

de nós carece a boa administração material e a elevada orientação espiritual desta Casa, norma que nos temos esforçado por lhe imprimir desde que para aqui entrámos.

Prossigamos na nossa obra. E por satisfeitos nos poderíamos dar, se conseguíssemos, neste novo ano, instalar e ordenar convenientemente as secções de cerâmica, metais, numismática, etc., do nosso Museu, como já fizemos na secção lapidar.

Para completarmos a ordem e a regularidade na administração da Casa, necessário se torna passarmos as actuais propriedades rústicas, inalienáveis (Quintas da Ponte e Cavada), ao regime de renda fixa a dinheiro, pelo qual já se rege, há muito, a quinta do Carvalho. Assim o exige a elaboração do orçamento da Sociedade.

Na Citânia, com o auxílio da verba votada no presente ano económico pela Direcção Geral dos M. N., vamos prosseguir nos trabalhos de exploração arqueológica e conservação das ruínas, iniciando a reconstituição da triplíce cintura de muralhas, voltada a Norte; e envidaremos os nossos melhores esforços junto das Instâncias Competentes para que se efectue a conclusão do pequeno trôço de estrada (cêrca de 500 metros) que ligará, directamente por Briteiros, a Citânia ao interessante castro de Sabroso.

No campo da actividade espiritual continuaremos a série de conferências culturais, a primeira das quais deverá ser dedicada à Obra notabilíssima do falecido Escriitor Raúl Brandão, grande e saudável amigo desta Sociedade. Promoveremos excursões de estudo à Citânia. E, finalmente, faremos o possível para que se comece a dar publicidade aos Manuscritos inéditos (estudos e correspondência) de Martins Sarmiento, Abade de Tãgilde e Albano Belino, se bem que a extinção da benemérita Imprensa da Universidade de Coimbra, nos tenha trazido dificuldades na realização dêstes trabalhos. Igualmente seria útil continuar a série dos «Vimaranis Monumenta Historica», para o que já dispomos de numerosas cópias autênticas de documentos a publicar.

Eis em linhas gerais o que de mais interessante e urgente se me afigura necessário realizar dentro

desta Colectividade. Faremos o que puder ser, consoante os nossos meios de acção e o auxílio que nos prestarem.

Resta-me agradecer-vos, Ex.^{mos} Colegas, a honra e a confiança que me prestais elegendo-me novamente para Presidente da Direcção, como vos agradeço a boa e leal cooperação que sempre me tendes dispensado.

O Director Sr. A. L. de Carvalho, retribuiu ao Sr. Capitão Mário Cardoso as expressões de cordealidade e confiança que aos seus colegas dirigiu.

Foram fixados os dias 1 e 15 de cada mês para as reuniões da Direcção.

A Direcção tomou conhecimento do legado de quatro mil escudos que em testamento lhe deixou o vimaranense José de Freitas Tôrres Carneiro, falecido na Póvoa de Varzim, onde havia fixado residência. O Director da Instrução, usando da palavra, diz que bem merece da Sociedade Martins Sarmento o título de benemérito quem tão esclarecidamente soube distribuir grandes verbas, destinadas a fins de instrução e assistência pública.

O Sr. Presidente comunica que a visita dos intellectuais galegos a esta cidade se efectuará no dia 4 do corrente. São trocadas impressões sobre o programa da recepção.

Foi resolvido enviar ao Ex.^{mo} Senhor Ministro das Finanças a seguinte petição, conforme o parecer apresentado em sessão de 13 de Fevereiro:

Senhor Ministro das Finanças.

Excelência:

E' bem conhecida e apreciada em todo o País a modelar Instituição denominada «Sociedade Martins Sarmento», criada em 1882, em honra de um Investigador illustre, que tanto enalteceu a Pátria portuguesa com os notabilísimos estudos a que se dedicou sobre as origens remotas dos povoadores dos nossos castros e citânias.

Acarinhada desde o início pelo favor e a simpatia pública, esta Sociedade, que de harmonia com os seus fins sociais foi denominada «promotora da instrução popular no Concelho de Guimarães», continuamente se tem esforçado por bem merecer e honrar esse título de benemerência.

Reconhecendo o Estado os benefícios que uma tal Colectividade, nascida da iniciativa particular, podia e devia prestar à causa

da instrução pública, no próprio ano da sua fundação a louvou, em portaria de 20 de Novembro de 1882.

A bem dizer, não tem havido causa justa de interesse para o Concelho de Guimarães, e conseqüentemente para o País, que esta Instituição não tenha patrocinado e defendido com calor. Por isso o Estado a tem auxiliado sempre, de um modo prático e efectivo, quer por intermédio da Câmara Municipal desta cidade, quer directamente.

Com este indispensável auxílio dos Poderes Públicos, e com a dedicação dos seus associados e Directores, cujos serviços são absolutamente gratuitos, se tem engrandecido a Sociedade Martins Sarmiento. Hoje esta Instituição pode considerar-se a primeira no seu género, no norte do País. Possui uma Biblioteca de cerca de 40.000 volumes, que faculta indistintamente aos seus associados e ao público, tendo anexa a Biblioteca Municipal; apresenta um dos mais completos museus de Arqueologia pré- e proto-histórica de Portugal, cujo valor só pode ser excedido pelo do Museu Etnológico de Lisboa; tem a seu cargo a guarda e conservação da mais notável das citânias galaico-portuguesas (a de Briteiros), grandioso monumento que nos últimos anos tem justamente merecido um especial interesse da Direcção Geral dos Monumentos Nacionais; promove na sua sede Conferências de alta Cultura, às quais tem concorrido algumas das primeiras mentalidades portuguesas contemporâneas, como Joaquim de Vasconcelos, Dr. Gomes Teixeira, Dr. Antero de Figueiredo, Dr. Mendes Correia, Dr. Jaime de Magalhães Lima, Dr. Fidelino de Figueiredo, Dr. Agostinho de Campos, P.º Eugénio Jalhay, etc.; publica uma Revista de investigação, conhecida, apreciada e citada de longa data nos meios académicos e universitários portugueses e estrangeiros — a «Revista de Guimarães», cuja série atinge actualmente o 44.º volume; mantém com as instituições congéneres nacionais e estrangeiras o mais activo e proficuo intercâmbio intelectual; tem editado obras de raro valor científico, como ainda há pouco um volume de «Homenagem a Martins Sarmiento», publicado em 1933, para comemorar o Centenário do nascimento do insigne Arqueólogo vimaranense, colectânea de valiosos estudos eruditos, que mereceu da crítica autorizada os mais vivos aplausos, pelo relêvo que imprimiu à expansão da Cultura portuguesa no estrangeiro; etc.

Em suma: a obra e o esforço desta Sociedade, que pode tomar-se como exemplo e modêlo das possibilidades da iniciativa particular, quando orientada por um fim alto e nobre, é uma obra de puro altruismo, de beneficência pública e de feição estruturalmente nacionalista. Por isso o Estado novamente louvou tão prestimosa Colectividade, em portaria de 8 de Março de 1901, considerou-a de Utilidade Pública por Decreto de 30 de Dezembro de 1926 e concedeorou-a com o Grande Oficialato da Ordem de Sant'Iago da Espada, em 1931.

Martins Sarmiento, vendo nesta Instituição a «continuadora da sua obra», como lúcidamente acentuou o historiador Alberto Sampaio, prestou-lhe em vida o mais efectivo amparo espiritual e material. E quando faleceu, em 1899, legou-lhe a sua biblioteca erudita, esplêndido instrumento de labor científico, as suas colecções arqueológicas, bens imobiliários, para com o seu rendimento a Sociedade prover exclusivamente à conservação e novas escavações

da *Citânia de Briteiros*, e finalmente a propriedade da casa que habitou, tomando porém esta Sociedade posse da mesma só depois do falecimento de sua Espôsa D. Maria de Freitas Aguiar Martins Sarmiento e de outros usufrutuários sucessivos do mesmo prédio. Mais deixou consignado Martins Sarmiento no seu testamento que, no caso de dissolução da Sociedade, não só este prédio mas todos os bens por êle doados à Instituição, passassem para a posse da Câmara Municipal de Guimarães.

Faleceu recentemente o último usufrutuário do referido prédio, Sr. Adolfo Pinheiro da Fonseca Osório, Visconde de Arneirós, tomando portanto a Sociedade Martins Sarmiento posse efectiva dessa propriedade que, *gratuitamente*, e por empréstimo, cedeu à Câmara Municipal de Guimarães, para esta ali instalar a sua sede e repartições anexas, enquanto não conclui as obras do novo edificio dos Paços do Concelho (Condição 10.^a, alínea b, do Contrato de 7-3-1934 entre a Câmara Municipal e a Sociedade M. Sarmiento). Nestes termos deseja a referida Sociedade ser isenta do pagamento do imposto sobre sucessões e doações, que incide sobre o aludido prédio, n.º 106 da matriz predial. E para isso, apresenta ao esclarecido critério de V. Ex.^a, Excelentíssimo Senhor Ministro, os seguintes fundamentos:

Considerando que a Sociedade Martins Sarmiento, de harmonia com os seus Estatutos, aprovados pelo Governador Civil de Braga, em 7 de Janeiro de 1882, tendo por fins principais promover a criação de escolas e institutos de instrução popular, primária, secundária e profissional, e distribuir prémios aos alunos que alcançarem maior aproveitamento e aos professores que mostrarem maior solicitude no ensino — é, incontestavelmente, um estabelecimento de beneficência, e como tal já reconhecida pelo Estado, que a considerou de Utilidade Pública, por Decreto de 30 de Dezembro de 1926, publicado no «Diário do Governo», 2.^a série, de 5 de Janeiro de 1927;

considerando que, à data do falecimento do Dr. Francisco Martins Sarmiento, em 9 de Agosto de 1899, que instituiu a Sociedade Martins Sarmiento herdeira da sua Biblioteca e de uma morada de casas, para nela ser alojado qualquer instituto de harmonia com os seus fins sociais, morada que ficou presa a um usufruto que agora terminou — o imposto sobre sucessões e doações era regulado pela Lei de 31 de Março de 1896, que, no § 2.º do art.º 2.º isentava de contribuição as transmissões por título gratuito a favor de estabelecimentos de caridade e beneficência, transitando igual disposição para o n.º 4.º do art.º 7.º do Regulamento de 23 de Dezembro de 1899;

considerando que a mesma isenção está consignada na lei 1290 de 15 de Julho de 1922, applicável à Sociedade Martins Sarmiento por ter sido considerada uma Instituição de Utilidade Pública;

considerando finalmente que, por despacho de 25 de Maio de 1929, do Sub-secretário das Finanças, foi a mesma Sociedade, por força dos diplomas acima citados, já também isenta do pagamento do imposto por uma outra herança que a seu favor instituiu D. Maria de Freitas Aguiar Martins Sarmiento, Viúva do citado Dr. Francisco Martins Sarmiento;

julga-se, nestes termos e em face do exposto, a referida Sociedade isenta do pagamento do imposto sobre sucessões e doa-

ções, em virtude da lei em vigor ao tempo da abertura da referida herança que a seu favor instituiu o Dr. Francisco Martins Sarmento, mas apesar disso, pede que essa isenção lhe seja reconhecida e aplicada.

E assim, mui respeitosamente, espera deferimento.

Sessão de 6 de Abril

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Capitão Mário Cardoso, estando presentes os Directores Srs. Dr. Augusto Ferreira da Cunha, Francisco Pereira Mendes, Dr. Ricardo de Freitas Ribeiro, Alberto V. Braga e A. L. de Carvalho, Secretário.

O Sr. Presidente relata a maneira como decorreu em Guimarães o 5.º dia da Semana Cultural Galega:

Pelas 11 horas da manhã duas camionetes com os excursionistas galegos davam entrada em Guimarães. Ao encontro dos nossos hóspedes tinham ido, até ao entroncamento das estradas de Vizela e Santo-Tirso, a Direcção da Soc. M. S., o Presidente e vários representantes do Município, Autoridades, Reitor do Liceu, Director da Escola Industrial, Vice-Cônsul da Espanha em Guimarães, e os representantes da Imprensa local e portuense. O cortejo ficou assim constituído por três camionetes e cinco automóveis ligeiros.

O programa estabelecido pela Sociedade M. S., promotora da excursão, inteligentemente auxiliada pela Câmara Municipal, era o seguinte:

10 h. — Chegada a Guimarães; cumprimentos na Câmara Municipal; deposição de flores no monumento a Martins Sarmento pelos Excursionistas, em nome do Seminário de Estudos Galegos; visita ao Museu da Soc. Martins Sarmento (Arqueologia).

12 h. — Visita ao Museu Alberto Sampaio (Arte religiosa); passeio na cidade e visitas a alguns dos seus monumentos (Castelo medieval, Paço dos Duques de Bragança, etc.).

13 h. — Almoço no Hotel da Penha, oferecido pela Direcção da Sociedade M. Sarmento.

15 h. — Passeio à Citânia de Briteiros (a 15 km. de Guimarães).

17 h. — Regresso ao Pôrto.

Apesar de os excursionistas terem chegado uma hora mais tarde, êste programa cumpriu-se integralmente.

Do Pôrto vinham com os intelectuais galegos o Prof. Dr. Mendes Correia, Presidente da Comissão Organizadora da Semana Cultural Galega; o Secretário da mesma Comissão, Dr. Santos Júnior; o Arquitecto Baltasar de Castro, Director dos M. N. do Norte; o Dr. Armando de Matos, Director da Biblioteca e Museus Municipais de Gaia; Dr. Carlos de Passos; Dr. Fernando de Castro Pires de Lima; Prof. J. Pires de Lima, da Faculdade de Medicina; o Presidente da Casa de Espanha; o eminente embriologista P.^o Afonso Luisier; e outras entidades, bem como algumas senhoras, espôsas dos organizadores da Semana Galega, que gentilmente faziam companhia às senhoras espanholas, espôsas de excursionistas.

Entre os representantes da alta Cultura galaica viam-se figuras eminentes nas letras, nas sciências e na arte, tais como: Luís Iglesias, Presidente do Seminário de Estudos Galegos; Ramón Otero Pedrayo, Director da Secção de Geografia do S. E. G.; Alfonso R. Castelao, Director da Secção de Arte do S. E. G.; Isidro Parga, Director da Secção de Geoquímica do S. E. G.; Vicente Risco, Director da Secção de Etnografia do S. E. G.; Niceto Charro, Professor da Universidade de Santiago; Federico Maciñeira, arqueólogo; P.^o Xesús Carro, Director da Secção de Arqueologia do S. E. G.; P.^o Pauliño Pedret, Director da Secção de Filologia do S. E. G.; Sebastian Gonzalez, Secretário de Actas do S. E. G.; Ramón R. Somoza, Director do Sanatório de Conxo; Xosé Filgueira Valverde, Director da Secção de Literatura do S. E. G.; A. Iglesias Vilarelle; Robustiano F. Cochón, Arquitecto; Dario Caramés, Inspector de 1.^o ensino; Xaquín Lorenzo, Conselheiro do S. E. G.; Xaime Vidal, Contador do S. E. G.; Modesto L. Teixeira; Ramón Sobrino, Professor do Liceu de Santiago; Xosé Toba Fernandez, Inspector de 1.^o ensino; Enrique Peinador; Felipe Cordero, Depositário do S. E. G.; Fernando Alsina, Professor da Universidade de Santiago; Francisco F. del Riego, Professor da Universidade de Santiago.

Transcrevemos da extensa reportagem do *Jornal de Notícias*, do Pôrto, algumas passagens do que foi a jornada inolvidável que a Guimarães realizaram os

ilustres sócios do Seminário de Estudos Galegos, de Santiago de Compostela, presididos pelo eminente catedrático da Faculdade de Ciências e Vice-Reitor da douta Universidade Compostelana, Sr. Dr. Luís Iglesias y Iglesias :

«O quinto dia da Semana foi consagrado a Guimarães. O objectivo que se tinha em vista, de proporcionar aos intelectuais galegos, um passeio que fôsse simultâneamente de estudo e de distracção, atingiu-se plenamente.

A jornada de ontem, pelo sentido de cordealidade que a revestiu, juntando portugueses e galegos numa verdadeira irmandade, vincou pelo seu nobre cunho espiritual, enlaçando definitivamente as relações dos dois povos numa mais intensa comunhão de ideias.

Portugal e Galiza — zonas geográficas que a História separou, mas que não perderam, por isso, uma só das qualidades distintivas que individualizam a sua gente — numa alma só!

Foi esta, afinal, a lição viva, flagrante, profundamente sincera que o quinto dia da Semana Cultural Galega nos forneceu.

Guimarães, berço da nacionalidade, recebeu os intelectuais galegos com requintes de fidalga hospitalidade.

As duas camionetes que partiram do Pôrto, chegaram ao seu destino às 11 da manhã. As entidades oficiais aguardaram os excursionistas fora da cidade.

Havia em Guimarães curiosidade e carinho. De facto, os nossos visitantes foram cercados das maiores e mais justas atenções, e tratados não com a cortesia que se dispensa a estrangeiros, mas com a afabilidade que se usa com irmãos.

Na Câmara Municipal

A recepção nos Paços do Concelho marcou pela simplicidade. Na sala das sessões do município, para onde entraram os visitantes, realizou-se uma breve sessão de boas-vindas. Na mesa, ao centro, o Dr. José Francisco dos Santos. A' direita, o Presidente do Seminário de Estudos Galegos e catedrático

ilustre, D. Luís Iglesias, e à esquerda, o Dr. Mendes Correia, Presidente da Comissão Organizadora da Semana.

O Sr. Dr. José Francisco dos Santos, Presidente da Câmara, proferiu as seguintes palavras:

Ex.^{mo} Sr. Presidente e Ilustres Sócios do Seminário de Estudos Galegos,
Gentis Senhoras e Meus Senhores:

O Município Vimaranesense sente-se altamente honrado com a vossa visita e honrado me sinto eu também em cumprir a grata missão de apresentar-vos, em nome desta cidade e concelho, as saudações mais calorosas e amigas e os cumprimentos muito sinceros de boas-vindas.

E' para o concelho uma honra, que é simultaneamente um prazer, receber nos seus Paços os mais lídimos representantes da Cultura dessa província que Portugal inteiro, e especialmente o Norte, sempre apreciou e estimou, e homenagear o escol daqueles que, por entranhado amor à terra onde nasceram, têm cultivado com afinco e com brilho, reconhecido por nacionais e estrangeiros, as sciências, as letras e as artes, numa floração tão intensa que se impõe à admiração e provoca gerais aplausos. Aceitem V. Ex.^{as} também os nossos louvores pela obra a que se vêm dedicando e os nossos agradecimentos pela honra que nos dão com esta visita à nossa terra.

O Minho sentiu sempre uma grande simpatia pela Galiza, uma simpatia tão funda que os portugueses que lá vivem e os que lá vão de visita, não têm a impressão de pisarem terra alheia, e creio bem que os naturais da Galiza, que moram entre nós, não se julgam em país estrangeiro. E' sentimento antigo enraizado no fundo do nosso ser, que as nossas afinidades étnicas e lingüísticas e alguns séculos de relações contínuas e cordeais poderão talvez explicar.

O que é certo, é que essas relações seculares se mantêm e até se têm estreitado mais nos últimos anos.

Portugal inteiro e o Norte especialmente, regosijam-se com os progressos da Galiza e manifestam-lho claramente e esta não se esconde de mostrar a Portugal quanto estima as suas prosperidades.

Grande lição para a Europa desorientada, se fôsse possível que as grandes potências tivessem olhos para os exemplos dos povos considerados pequenos.

Com efeito, é neste espírito de colaboração e de mútua estima que reside fundamentalmente a boa harmonia entre os povos e que assenta por conseguinte a paz entre tôdas as nações.

Em vós saúdo também a nobre nação espanhola, à qual desejamos as melhores prosperidades.

Há um motivo especial para Guimarães estimar esta visita. Creio eu que ela vem reatar relações muito antigas. Voltando os olhos para os tempos medievais, parece-me ver o cortejo ininter-

rupto de piedosos peregrinos que vão e vêm entre os dois Santuários de romagem: S. Tiago de Compostela, Santa Maria da Oliveira de Guimarães. Muitos dos que se dirigiam para o Norte a visitar o túmulo do Apóstolo passavam primeiro pelo Santuário da Virgem; os que do Norte vinham a Compostela alongavam a viagem um pouco para o Sul para orarem à Virgem da Oliveira.

Dai surgiram relações continuadas, nasceram conhecimentos, cimentaram-se amizades, que a correspondência oral trocada por intermédio do vaivém dos romeiros não deixava esmorecer.

Terras de Santa Maria e Terras de S. Tiago devem ter vivido em perfeita comunhão de ideais estimando-se irmãmente.

Os tempos mudaram, porém. O cortejo cosmopolita de romeiros já não percorre as nossas províncias. Os dois Santuários medievais pouco mais são do que reliquias venerandas do passado e raros são hoje aquêles que de longe os procuram levados pela fé religiosa e pelo desejo de orar.

Os tempos das romagens acabaram, mas o antigo amor perdura, renasce nas almas e volta a unir os homens, a apertar entre eles os laços de fraterna amizade, de leal camaragem e de estreita cooperação.

E' em nome dêle, minhas Senhoras e meus Senhores, que vos digo: «Sêde Benvindos».

A breve saudação é entusiasticamente aplaudida.

D. Luis Iglesias agradece, num improviso em que a sinceridade e o cavalheirismo se juntam. Palavras quentes, vibrantes, — lisonjeiras para Portugal, de justa e nobre apreciação. A Galiza ama Portugal — porque os dois povos são elos da mesma cadeia, projecções do mesmo sentimento. E termina: — Por Portugal! Pelos Portugueses! Por Guimarães!

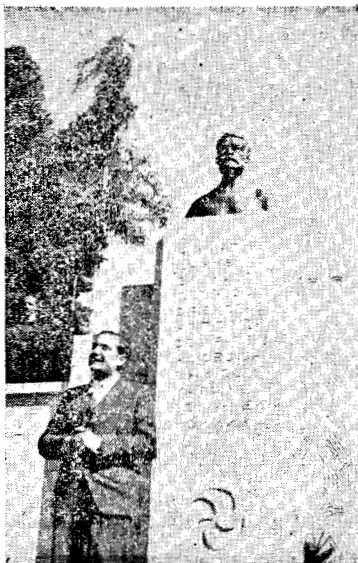
No monumento a Martins Sarmento

Defronte dos Paços do Concelho, ergue-se o monumento ao grande investigador que foi Martins Sarmento. Este nome está escrito a ouro na história da nobre cidade. O monumento, de linhas artísticas, elegantes, com um sabor original que encanta pela sobriedade, é disso a melhor prova.

Os intellectuais galegos, entre os quais há sábios investigadores de renome, quando saíram da Câmara, dirigiram-se para o jardim onde o busto de Martins Sarmento se recorta, com uma expressão artistica admirável. Uma senhora galega, formosíssima, avan-

cou, depondo uma palma de flores na base do monumento. A Galiza homenageava Portugal — prestando culto à memória dum dos seus homens eminentes. E as palmas revoaram.

Depois, um galego ilustre, D. Sebastião Gonzalez, proferiu algumas palavras, recordando o esforço gigantesco de Martins Sarmiento nos estudos de investigação histórica e arqueológica — e afirmando que foram as suas luzes que forneceram directrizes para os trabalhos dêsse género. Os galegos — vêem-no como um mestre — um mestre cuja memória é cada vez mais viva e mais respeitada.



D. Sebastião Gonzalez discursando junto do monumento a M. Sarmiento

Na Sociedade Martins Sarmiento

Recebidos no Salão Nobre da magnífica e florescente colectividade, os nossos visitantes foram saúdados pelo Presidente da Direcção, o Capitão Sr. Mário Cardoso.

Discurso breve — cheio de conceitos elevados e de ideias oportunas:

Sr. Presidente do Seminário de Estudos Galegos e Vice-Reitor da Universidade de Compostela, Minhas Senhoras e meus Senhores:

Poucas vezes, nos 53 anos da sua existência, a Sociedade Martins Sarmiento foi distinguida com tamanha honra como a que hoje lhe é dada, ao receber na sua sede a visita desta brilhante Embaixada intelectual galega.

Com intuitos limitados, embora moralmente superiores, se

criou esta nossa Instituição. As suas portas abriram-se um dia para expandir a luz da instrução entre as classes populares. Combater a ignorância e o analfabetismo foi o seu lema inicial. E nenhum outro poderia ser mais grato ao nobre espírito de Martins Sarmento, Patrono desta Casa.

Mas, com o correr dos anos e o amparo do público e do Estado, a Colectividade que nasceu modesta e surgiu somente da simples iniciativa particular, foi enriquecendo o seu recheio, as suas estantes foram-se cobrindo de livros preciosos e raros, nos seus mostruários e galerias foram aumentando as colecções arqueológicas, as possibilidades da sua economia foram-se robustecendo e progredindo — de forma que hoje esta Sociedade exerce não já uma acção restrita ao âmbito das classes populares, mas propaga e difunde igualmente uma elevada Cultura intelectual. E sem descuidar as elementares necessidades espirituais do povo, soube converter-se num precioso instrumento de trabalho e de estudo para as elites eruditas.

Por isso a Direcção da Sociedade M. S. rejubila hoje com a presença de tão ilustres visitantes, porque pertencendo V. Ex.^{as} às mais altas classes cultas, ninguém melhor poderá apreciar o nosso esforço social pela dignificação da inteligência humana, e dar o devido valor aos instrumentos de acção cultural, de que para isso dispomos — a nossa Biblioteca e os nossos Museus.

Esta Casa mantém com as suas congéneres da Galiza, nomeadamente com a Universidade de Santiago, com o Seminário de Estudos Galegos, com a Comissão de Monumentos de Orense, a Academia Galega, etc., as mais estreitas relações intellectuais e de activo intercâmbio espiritual. Também por essa circunstância nos é particularmente grato receber hoje aqui os representantes de tão doudas agremiações do País vizinho.

Saúdo pois V. Ex.^{as}, e em nome da Direcção desta Colectividade a que me honro de presidir, apresento-lhes, com os nossos melhores desejos de boas-vindas, os mais rendidos agradecimentos pela honra da sua visita.

D. Filgueira Valverde agradece as saudações. O seu discurso breve, incisivo, vincou um tema expressivo. Depois de dizer que êle e seus companheiros se sentiam desvanecidos por se encontrarem no berço da nacionalidade — prestou homenagem a Martins Sarmento, grande sábio e grande investigador, dizendo que a cultura lhe ficou devendo serviços inapreciáveis, que conquistaram o respeito e o reconhecimento dos galegos.

Derivando depois na análise das afinidades entre portugueses e galegos — afirma com grande calor que êle e os seus conterrâneos, quando estão em Portugal, é como se estivessem na sua terra. Palmas.

Concluindo: A irmandade dos dois povos resiste

a tudo, é superior a tudo, porque a aquece a chama espiritual duma cultura comum.

A seguir realizou-se uma demorada visita à Biblioteca e ao Museu da Sociedade. O vasto arsenal de objectos valiosos ali recolhidos, deu motivo à admiração dos ilustres visitantes e serviu ao mesmo tempo para se avaliar do génio organizador e do desvelado carinho que Martins Sarmiento revelou e provou na missão superior que se impôs — e realizou brilhantemente, benemerentemente!

Visita ao Museu Alberto Sampaio

Dali seguiram os excursionistas para o Museu Alberto Sampaio, sendo recebidos pelo seu director, o Sr. Alfredo Guimarães.

O claustro que dá acesso ao Museu, bem como os objectos nêle expostos, de raro valor artístico — produziram surpresa. O Sr. Alfredo Guimarães explicou a origem dos trabalhos ali expostos, identificando-os quanto à época e à procedência.

Os galegos não se cansaram de manifestar a sua admiração pelo que viram.

Em seguida foi visitado o Castelo de Guimarães e o Paço dos Duques de Bragança. Após o que, esgotada a primeira parte do programa, a caravana seguiu para a Penha, onde se realizou o almoço. A vista da montanha, com o seu largo horizonte, encantou os galegos. Mas a hora corria — e era necessário andar depressa.

Na vasta sala do hotel da Penha, em quatro mesas dispostas com elegância, sentaram-se cêrca de cem convivas.

O repasto decorreu animado, cheio de jovialidade e de satisfação.

Ao alto da sala tomaram lugar as pessoas de distinção, da Galiza, de Guimarães e do Pôrto. Presidiu o Capitão Sr. Mário Cardoso, da Soc. Martins Sarmiento, cujo organismo oferecia o almoço. Ladeavam-no D. Luís Iglezias, D. Alfonso Castelao, D. Vicente Risco, o Dr. Mendes Correia, o Dr. Pires de Lima, o Presidente da Câmara de Guimarães, etc.

Estavam também o Sr. Vice-Cônsul da Espanha e as autoridades locais.

Aos brindes, o Sr. Presidente da Soc. M. S. pronunciou as seguintes palavras:

Sr. Presidente do Seminário de Estudos Galegos,
Sr. Presidente da Comissão Organizadora da Semana Cultural Galega,
Sr. Presidente da Câmara Municipal de Guimarães,
Minhas Senhoras e meus Senhores:

Não há ligações humanas mais sólidamente estabelecidas, nem mais profundamente duradoiras, do que aquelas que uma comunidade de crenças e de sentimentos desinteressados fêz nascer. Mais forte do que a própria voz do sangue é a voz do espírito, e os nossos verdadeiros irmãos não são aquêles que o mesmo ventre ou a mesma pátria gerou, mas sim aquêles que o mesmo anseio espiritual irmanou na luta ou no sofrimento por um ideal comum.

Longe de mim, com esta afirmação, aliás sem originalidade, pensar em defender ideologias insensatas ou internacionalismos de carácter político, que as minhas convicções tradicionalistas repudiam formalmente. Mas entendo que hoje, mais do que nunca, compete aos homens da mesma civilização e da mesma cultura a união para a defesa das suas aspirações e dos seus interesses comuns.

Se há afinidades raciais e culturais entre Portugal e a Espanha (que indiscutivelmente as há, e profundas, apesar de tôdas as separações que as vicissitudes da política e da história nos impõem), essas afinidades manifestam-se em tôda a sua evidência, especialmente entre as populações do norte de Portugal e da Galiza confinante. Nascidos do mesmo tronco étnico, portugueses e espanhóis, minhotos e galegos, caminheiros inseparáveis na eterna jornada dos séculos, temos percorrido juntos, desde as mais remotas eras, a mesma senda do progresso, ora iluminada, aberta e ampla, ora tenebrosa, estreita e áspera.

Esta identidade de crenças, esta comunidade de interesses, é que nos dá verdadeiramente a qualidade de povos irmãos, característica que não é uma fantasia, mas que de facto corresponde a uma realidade perfeitamente definida. Em tempos já perdidos na distância e na memória, começámos por construir povoações de um tipo uniforme, com os mesmos aspectos e em idênticas situações topográficas, onde praticámos uma vida inteiramente igual, e onde floresceu a mesma civilização e o mesmo grau de cultura. Percorrer a Citânia de Briteiros, ou a de Santa Tecla da Galiza, o castro de Sabroso ou o de Troña, o de Santa Luzia ou o de S. Cibrau das Las, é evocar a mesma civilização, o mesmo passado, o mesmo povo.

Começámos por falar uma linguagem comum, que, na sua evolução através dos séculos, conservou até hoje, aquê e além Minho, pela persistência das nossas afinidades e pela continuidade das nossas relações, as mesmas raízes iniciais, a mesma ressonância, as mesmas inflexões e o mesmo ritmo filológico. Por isso nos

compreendemos claramente, conservando aliás cada povo as naturais divergências do seu idioma.

Habitamos e povoamos juntos uma região que a mesma paisagem deçora; e os nossos campos, abertos e lavrados no mesmo húmus, reveste-os o lavrador minhoto, português ou galego, de iguais cultivos — do mesmo pão, do mesmo vinho, dos mesmos frutos.

Nenhuma barreira natural, agressiva ou defensiva, nos separa, e apenas as convenções artificiais e acidentais da política dos Estados nos apartaram. Só tardiamente, por meados do século XI, nós, os portugueses, nos desmembrámos do mesmo corpo, mas é certo que criámos desde então uma personalidade jurídica e uma autonomia e soberania administrativa, que nada poderá, já hoje, destruir. Apesar disso, as afinidades raciais ficaram e persistem.

O nosso tipo étnico e antropológico é o mesmo, como idênticos são os aspectos etnográficos de galegos e minhotos, as suas tradições, o seu folclore, a sua coreografia popular, a sua indumentária, os seus artefactos e as suas indústrias caseiras. Quando há poucos anos visitei, na ridente e simpática povoação galega de La Estrada, o meu ilustre amigo Dr. Fermin Bouza-Brey, que lastimo não se encontre aqui presente, não mais me esqueceu uma das suas inteligentes observações, ao conversarmos sobre as semelhanças dos nossos povos: «Veja Você — me dizia êle, apontando um lavrador que passava — não é êste homenzinho exactamente igual, pelas feições, pelo aspecto, pelo trajar, a qualquer dos bons labregos de Guimarães, de Fafe, de Braga, de Vizela, ou de tantas outras terras lá do seu Minho?»

Por essa ocasião, passei também na formosa Pontevedra: era num dia de feira, creio que semanal, e tive a ilusão perfeita de me encontrar no mercado da minha terra. Lá estavam, sob o mesmo tóido branco, quadrangular, as mesinas tendas armadas por iguais tendadeiras, lá se viam a feirar as mesmas cachopas, pelo chão o estendal das mesmas exposições de tamancos, de artefactos de fôlha de Flandres, de louças de barro, de mantas de farrapos. O homem do painel da «triste sina» e do «horrendo crime», rodeado de um auditório silencioso, compungido e atento, cantava a mesma melopeia plangente e fatal, e o cego da rabeca gemia a mesma ária interminável e monótona. Os feirantes de gado questionavam demoradamente, do mesmo modo sacudido e rude, com a mesma desconfiança e os mesmos rodeios astuciosos, a compra da junta de bois, e conservavam o dinheiro do sinal na mão, muito espalmada, sempre aberta, enquanto se não concluía o contrato.

Meus Senhores e amigos: também hoje aqui, neste convívio fraterno, eu tenho a grata impressão de que não existem hóspedes estranhos, de que não há estrangeiros, mas apenas compatriotas meus.

O deminuto e modestíssimo labor a que me tenho dedicado no domínio da investigação arqueológica, deu-me ensejo de travar relações intellectuais com muitos estudiosos nacionais e estrangeiros, do mais elevado mérito, que são outros tantos bons e desinteressados amigos que eu tenho, dispersos por êsse mundo, alguns dos quais não conheço pessoalmente, e nem conhecerei jámais. De entre os estrangeiros desta grande família espiritual, que me honram com os seus conselhos, as suas lições e os seus livros, são, sem

dúvida, os espanhóis aquêles cujas notícias considero para mim as mais gratas e as mais interessantes. E' que, nesta ordem de estudos, como em muitos outros campos da nossa actividade espiritual e material, o que interessa a espanhóis, interessa igualmente aos portugueses. E de entre os bons amigos espanhóis, permito-me salientar esta admirável, ilustre e activa falange de intellectuais galegos que se chamam Vicente Risco, Bouza-Brey, Cuevillas, Afonso Castelao, Carro Garcia, Lourenço Fernandez, Filgueira Valverde, Otero Pedrayo, Luís Iglesias, e tantos outros. Como bem salientou o Sr. Professor Mendes Correia, no seu discurso da sessão inaugural da Semana Galega, proferido na Universidade do Pôrto, o nosso País desconhece em grande parte o formidável avanço da alta cultura espanhola contemporânea, e designadamente o brilhantismo da intellectualidade galega, ao passo que os nossos vizinhos acompanham de perto, conhecem e apreciam carinhosamente o nosso movimento literário e scientifico actual. E' preciso que este nosso alheamento acabe, e o intercâmbio das culturas portuguesa e espanhola seja um facto concreto, real e duradouro, pois do nosso esforço comum ou paralelo, advirão os mais opimos frutos para a gloriosa civilização peninsular.

Senhoras e Senhores: Saúdo com todo o calor da minha simpatia pessoal, e em nome da Sociedade Martins Sarmento, a que presido, os ilustres representantes, aqui presentes, da moderna Cultura galega, tão elevada, independente e original, e ao mesmo tempo de um sentido universalista, tão nobremente humano, este grupo de defensores intemeratos, como nós, os portugueses do Renascimento de hoje, da civilização latina e cristã, indestrutível e eterna.

Senhor Professor Mendes Correia, ilustre Presidente da Comissão Organizadora da Semana Cultural Galega: Permita V. Ex.^a que eu lhe dirija também, neste momento, as minhas cordiais saudações pelo êxito dêste brilhante certâmen intellectual que se está realizando no nosso País e que, em grande parte, à superior orientação, aos esforços e à incansável actividade de V. Ex.^a se deve; e permita também que, mais uma vez, lhe agradeça a sua grande dedicação pela obra e pelo prestígio da Colectividade a que tenho a honra de presidir.

Compatriotas meus: Ergamos os nossos cálices pela Galiza intellectual, aqui tão altamente representada pelo Sr. Dr. Luís Iglesias, ilustre Presidente do Seminário de Estudos Galegos, e pelos seus companheiros. Eu julgo interpretar o sentir de todos os vimearanenses, de todos os portugueses aqui presentes, desejando que os nossos hóspedes levem para a sua terra uma tão grata recordação de Portugal, como a que nós trazemos da nobre Nação irmã, quando nos é dado o prazer de visitá-la!

Terminado este discurso, o Presidente da Soc. M. S. foi vibrantemente aplaudido e seguiram-se-lhe, no uso da palavra, D. Luís Iglesias, que definiu a alma portuguesa e galega com uma feliz expressão trovadoresca; D. Alfonso Castelao, cujo discurso foi um enternecido e fulgurante hino de amor à terra;

Otero Pedrayo, orador empolgante, que desfia, em imagens de belo recorte literário, os sentimentos da gente galega e da gente portuguesa; Pedret Casado, sacerdote católico, de cuja eloquência se desprende, viva como o fogo, a chama alta duma espiritualidade superior; e por último o Dr. Mendes Correia, que falando em seu nome e no do Reitor da Universidade, profere uma oração eloqüentíssima, comentando, numa síntese de admirável expressão, os discursos dos oradores que o precederam.

Terminara o almoço. Os excursionistas vieram para a montanha, e os camaradas fotógrafos aproveitaram o momento para entrar em acção — mais uma vez.

As camionetas fazem ouvir o ruído das sirenes. A hora vai adiantada — é necessário partir. Cada um toma o seu lugar nos carros e a caravana segue para

A Citânia de Briteiros

Visita rápida, mas interessantíssima. Os excursionistas sobem, lesto, pelo monte — examinando os preciosíssimos despojos das habitações luso-romanas — redondas e quadrangulares, que fazem a delícia dos especializados. A Citânia toma uma grande extensão na montanha — tornando difícil um exame minucioso. Entre os especialistas, galegos e portugueses, trocam-se explicações.

O Dr. Mendes Correia, patriarca em Arqueologia, emite a sua opinião, esclarecendo pormenores ainda duvidosos.

Mas era preciso regressar. E a caravana, depois de ter deposto flores no túmulo de Martins Sarmiento, despede-se de Briteiros, já ao fim da tarde, tomando o caminho do Pôrto, pelas Taipas e Guimarães.»

Sessão de 17 de Maio

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Capitão Mário Cardoso, estando presentes os Directores Srs. Francisco Pereira Mendes, Dr. Ricardo de Freitas Ribeiro, Alberto V. Braga e A. L. de Carvalho, Secretário.

Foi deliberado que os museus desta Sociedade, desde Maio a Outubro, inclusivè, se conservem abertos aos domingos, desde as 10 às 12 horas, e das 13,30 às 16,30 horas.

Resolvido converter a dinheiro as rendas das propriedades rústicas, ficando os arrendamentos nas seguintes condições de preço: — *Quinta da Ponte*, pela quantia de 5.650\$00; *Quinta da Cavada*, pela quantia de 2.650\$00; *Quinta do Carvalho*, pela quantia de 2.400\$00 esc.

Por proposta do Sr. Manuel Alves de Oliveira, foi admitido sócio o Sr. Narciso Augusto Amaral.

Sessão de 29 de Junho

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. Augusto Ferreira da Cunha, por ausência do Sr. Capitão Mário Cardoso, estando presentes os Directores Srs. Francisco Pereira Mendes, Dr. Ricardo de Freitas Ribeiro, Alberto V. Braga e A. L. de Carvalho, Secretário.

Foi lido o officio (P. 780, L.^o 11) do Ministério das Finanças, no qual o Sr. Director Geral interino comunica que, por despacho de 21 do corrente, S. Ex.^a o Sr. Sub-Secretário das Finanças concedera à Sociedade Martins Sarmiento a isenção de pagamento do imposto sucessório, relativo à transmissão do prédio urbano onde viveu e morreu Martins Sarmiento, em cuja posse e domínio pleno entrou a mesma Sociedade.

Resolvido agradecer, com muito reconhecimento, ao Ex.^{mo} Sr. Director Geral do Ministério das Finanças, tão valioso auxílio, inteligentemente dispensado a esta Instituição, cujos fins visam apenas ao bem comum e ao prestígio da Nação.

Igualmente resolveu a Direcção transmitir e estender o seu reconhecimento ao ilustre Sócio Honorário Sr. Dr. João Antunes Guimarães, a quem, em grande parte, se deve o êxito obtido no deferimento daquela nossa pretensão.

O Sr. Presidente interino dá conhecimento de se haverem interrompido os trabalhos de restauro na Citânia de Briteiros, em virtude da ausência tempo-

rária do Sr. Capitão Mário Cardoso, tendo-se dado conhecimento, pelo ofício n.º 154, ao Sr. Director dos Monumentos Nacionais do Norte. Mais disse que o saldo em cofre, destinado àquelas obras, é de 9.397\$90, e que no próximo mês de Setembro as obras recommençariam, sob a orientação do Sr. Capitão Mário Cardoso.

A. L. DE CARVALHO

1.º Secretário da Direcção.